

STEIN, Edith – *Correspondance I (1917-1933)*, Introduction, traduction et annotations par Cécile Rastoin, Paris, Cerf, Ed. Du Carmel, 2009, 767 p.

A correspondência de Edith Stein, já publicada também em língua espanhola, chegou-nos em língua francesa, abrangendo este volume, o período que vai de 1917 a 1933, data da sua entrada no Carmelo.

Trata-se dum conjunto fundamental para o conhecimento da vida, do pensamento e das tendências espirituais da pensadora e santa, que podemos dividir em duas partes: a primeira, antes da conversão "o baptismo de Edith dá-se no dia 1 de Janeiro de 1922" a segunda após a sua conversão, com um leque mais vasto de interlocutores, devido sobretudo à actividade de conferencista que vai desenvolver no vasto mundo da língua alemã.

Quase metade do livro, é preenchido com a correspondência para Roma Ingarden, o pensador polaco, fenomenólogo, com quem se corresponde sobre temas filosóficos e sobre temas comuns e vidas do círculo começado na Universidade de Göttingen em 1913, aos 22 anos, com E. Husserl, com passagem posterior a Freiburg, onde estuda com Husserl de novo, retomando sua tese sobre a empatia (*Einfühlung*), que defenderá, em 1916, com a mais alta classificação.

Trata-se dum conjunto de cartas fundamentais com um amigo intelectual e também afectivos (ver a reacção quando sabe do casamento de Ingarden) mas com muito poucas confidências romanescas. Nesta parte encontramos os trabalhos e os dias de Edith e perfil que traça de autores que mais tarde se tornaram eminentes como Koyre, ou M. Heidegger, de quem trata sempre com muita elevação e enorme simpatia.

Na segunda parte, após a sua conversão, o leque de amizade abre-se ao mundo católico, sem menosprezo da família, sobretudo da mãe, uma judia piedosa a quem custa muito a conversão de Edith, onde Edith, após o abandono da colaboração com Husserl, (que nunca foi uma ruptura) encontra terreno favorável ao desenvolvimento de suas ideias, na área da pedagogia e da formação.

Na verdade, na sequência de seu Baptimo e da sua decisão de se consagrar totalmente à vida espiritual, Edith toma o lugar de professora na escola das Dominicanas de Spire, a conselho do P. Schwind, um sacerdote intelectual e experiente com quem a santa está muito segura. Aqui está a judia católica, trabalhando num lugar que não correspondia totalmente às suas enormes capacidades e abrindo-se desta pequena enseada da vida e da alma, à releitura, e conselho aos antigos amigos do círculo de Göttingen e também às traduções de Newman e mais tarde de S. Tomás de Aquino, para além da investigação no caminho de seu próprio trabalho intelectual.

É a partir da bela cidade renana de Speyer e do convento das dominicanas de Santa Madalena que Edith contacta com alguns intelectuais alemães de grande projecção, sobretudo Dom Walzer, prior em Beuron e o P. Prizwara, jesuíta e grande pensador. Um e outro encorajam a jovem autora a desenvolver uma carreira de conferencista, fora do quadro da Universidade que lhe estava fechado por causa da sua condição feminina e mais tarde judaica. Um e outro a ajudam a desenvolver um pensamento personalista contra a tendência massificadora do Nazismo que subia.

Arnaldo de Pinho